

O XUÃO

SEMANARIO DE CARICATURAS E HUMORISTICO. CARICATURISTA SILVA E SOUZA

ANNO 2º

DIRECTOR E PROPRIETARIO ESTEVAO DE CARVALHO
SECRETARIO DE REDACÇÃO JULIO DUMONT (ORLANDO)
COMPOSTO, IMPRESSO E LITHOGRAPHADO NA "EDITORIA" L. COELHO BARROSO - LISBOA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. DA ATALAYA N.º 122 LISBOA

ASSIGNATURAS
ANNO 2000 REIS
SEIS MESES 1000
TRES MESES 500
NUMERO AVULSO 20 REIS
ANUNCIOS: PREÇO CONVENCIONAL

N.º 74

Terça feira, 27 de JULHO de 1909

O BOMBARDEAMENTO



AS FÉRAS EXTERMINAM-SE ASSIM.

Palavra de ordem...

Sabem o que foi a Reacção clerical?

Perguntem-n'o á historia.

Foi a morte, o pôtro, o incendio, a denuncia, a inquisição, o santo officio, a fogueira, a prisão, o punhal, o veneno, o cannibalismo mais repugnante e feroz.

Os clericaes querem regressar ao passado.

Porquê?

Porque os affronta a luz, que perturba todos os criminosos.

Urge, por isso, uma acção vigorosa, decisiva e immediata.

E tal é o motivo da manifestação anti-clerical que se prepara para o dia 2 de agosto, que corresponde inteiramente ao estado da alma portugueza.

O clericalismo, arvorado em partido politico ás ordens de Roma, pretende governar o paiz.

E' contra esta pretensão estulta e insolita que os espiritos se revoltam, dispostos a uma batalha decisiva, se tanto fôr preciso.

Para nós, liberaes, democratas, republicanos, é uma questão de vida ou de morte.

Assim como não pôde haver tolerancia para com o assassino que procura matar-nos, assim tambem não pode haver tolerancia para com aquelles que procuram estrangular a liberdade.

Por isso a palavra de ordem é uma só:

Abaixo a Reacção clerical!

MAGALHÃES LIMA.

CHRONICA

Uma phrase

N'aquelle celebre comicio monarchico de Belem, que o *Portugal* apresenta como irrefragavel triumpho das instituições, o sr. Campos Ferreira, orador dedicado á causa e franquista muito eloquente, já de cabeça perdida pelas interrupções dos adversarios, gritou á assembleia:

— «O' senhores! Deixem-me falar e interrompam-me depois!»

Esta phrase, que á primeira vista parece uma calinada, define o criterio dos nossos monarchicos. O sr. Campos Ferreira, tendo-a proferido, nada mais fez do que significar uma idéa que de ha muito, em outras reuniões e em varios jornaes, outros oradores teem enunciado.

Pedir que o interrompam depois de ter falado, não é uma tolice do sr. Campos Ferreira. Não! O sr. Campos Ferreira é homem singularmente talentoso, conhecedor da grammatica e dos dictionarios, não iria, como Barnabé, dar uma idéa tão triste dos defensores da monarchia, servindo-se de uma phrase asnatica.

Não! — repetimos. Não! — para honra dos Ciceros portuguezes e para honra do criterio phraseologico do sr. Campos Ferreira! A' primeira vista, a phrase parece uma tolice. No entanto, sob a sua casca, ha uma grande, uma enorme, uma immensa philosophia! Ella synthetisa, na sua meia duzia de palavras, toda a convicção dos amigos do throno.

E' uma phrase curta, d'estas phrases que servem, nos momentos graves da Historia, para definir uma situação. — «*Veni, vidi, vici!*» — disse Cesar: — *Perdeu se tudo, menos a honra!* — disse Francisco I. — «*Deixem-me falar e interrompam-me depois!*» — disse o sr. Campos Ferreira.

Que queria s. ex.^a significar com isto?

Tudo! Toda a argumentação monarchica, desde o sr. José Luciano, o Sol, até ao zelador da minha localidade, o verme!

Com effeito, a monarchia, pela bocca dos seus politicos e pela penna dos seus escrivães, tem-se farto de nos afirmar o seguinte:

— «A monarchia é o; emquanto o paiz a quizer. Assim que elle disser — *Abaixo a monarchia!*» — a monarchia retira-se a penates e os monarchicos fazem-se republicanos. E' ou não, quasi o mesmo que disse o sr. Campos Ferreira?

A monarchia permite que haja republicanos, mas só depois d'ella, monarchia, apodrecer. Antes d'isso, é um crime ser republicano. Os proprios monarchicos o são, emquanto a monarchia tiver vida. Depois, os monarchicos permittem-se a liberdade de adherir ao systema republicano.

«Não me interrompaes senão depois de eu ter falado.» Isto é — «não sejaes republicanos senão depois de não haver monarchia.»

E. DE C.

Segundo contam os jornaes, o *Portugal*, esteve guardado pela policia por temer um assalto do povo.

Medo teem elles.

Vergonha é que não ha por lá nem a mais pequena amostra.

A rapaziada lá do parlamento não gostou muito da caldeirada governativa apresentada pelo Wenceslau. Alguns opinaram que aquillo precisava mais umas pedrinhas de sal e deixar apurar mais um pouco, mas o deputado amaralista esse não gostou do peixe nem das batatas do Wenceslau.

Annúncios... para rir...

Do Diario da rua Formosa:

28-12-908

Se puderes no próximo dia, como antigamente.

Esta dama é maçadora,
Caprichosa, impertinente,
Pois gosta da *variação*,
Que *elle* fez antigamente...

Eu, porém, dou de conselho,
Que não teime em fazer tal,
Porque só da grande goso,
Tudo no *seu* natural...

CASAMENTO RAPIDO

Desejam-no muitas senhoras com fortuna. Cavalheiros, mesmo sem fortuna, podem dirigir-se a M. Rothenberg, Berlin, N. W. 23.

Mas, que pechincha de truz.
Apanhar bellas *carcassas*,
Mesmo p'ra quem como eu,
Tem sempre falta de *massas*...

Que escolho dama catita,
Não sei porquê, tenho fé...
.....
O diabo é se é velhota,
Sem cinco réis p'ra *rapé!*...

SERÁ POSSIVEL?...

Cavalheiro honesto, de 35 annos, com 5.200\$000 réis em dinheiro, peculio de suas economias, deseja encontrar governanta honesta, com as mesmas garantias, para não luctarem com difficuldades. Carta á agencia de annuncios, rua Augusta, 270, 1.º, D. B. 773.

Ora essa?!... Por que não?
Arranja bom casamento...
Indo á Travessa da Palha,
Faz a escolha n'um momento.

Depois de terem falado,
Sobre o *hago* promettido,
Ella dá-lhe os *cinco contos*...
Da collecção de Cupido!...

REI LUSO.

Diz um jornal que naturalmente em breves tempos ha novo conflicto parlamentar.

Temos lenha pela certa. Olé.
Mais dois á conta, ó rapaziada marceneiral!

EPITAPHIO

Dorme aqui Simão Lombrigas,
Merceeiro dos capazes
Que a ter marçanos fez figas;
Só empregou raparigas
Por não gostar de rapazes.

K. K. MURRO.

Animatographo... vivo

Contam as gazetas que o reverendo pasquim do padre Mattos esteve uma noite d'estas guardado á vista por temer um assalto popular.

Ora, realmente, a reaccionaria folha confia muito pouco no seu Deus!

Em vez de accender duas vélas no oratorio da sua devoção e de se ir armar á carreira de tiro, mettendo nas unhas do Pinto, por alcunha *Balsemão*, a heroica *pistarola*, preferiu chamar a policia para lhe guardar os beatos costados.

Heroismo de carola.

Quem tem c... rença tem medo.

A tremer como um caniço,
Mais delgado do que um vime,
Teve medo ao reboliço
Pondo a policia ao serviço
D'esse "grande e órrivel crime."

Foi só susto e nada mais,
Sendo prova das coragens
D'aquellas hostes papaes.
Ninguem faz mal a animaes,
Embora sejam selvagens.

Alguns jornaes troçam da deliberação da camara municipal republicana ter facultado ao povo de Lisboa boa musica nas praças publicas.

O motivo principal da troça é o facto dos coretos não serem uns espantalhos fixos, a desmancharem a symetria e a esthetica!

Valha-os um burro aos coices e outro aos pinotes.

Era talvez melhor que, como acontecia nas edilicias monarchicas, se vedasse a Avenida no carnaval para lucro e proveito de certos emprezarios e meninos bonitos!

Ou então que o tempo que o *Zé* está no Rocio a deliciar os ouvidos com trechos de opera e zarzuela, o empregasse na *tasca* a enchugar *decilitros*!

Pois não merece chalaça,
Porque calha muito bem
Que se dê, em qualquer praça,
Divertimento de graça
Ao *Zé* que não tem vintem.

O bello *di* o calote official!
No concelho de Loures os pobres mestres-escola, que ganham uma insignificancia, não recebem ha que mezes as verbas do expediente e limpeza das aulas.

Teem pago essas despesas do magro bolsinho e não ha maneira de reaver o rico dinheiro.

Em se tratando de instrucção é o que se vê.

Quando d'instrucção se trata
Ha economico tento
E moderação pacata,
Mas no resto (não invento)
Já se fala em viajata,
Mais n'um bello casamento.

Chega a ser demais!
Quem vae áquella praça da Figueira fazer as suas compras sae de lá com os péllinhos todos em pé.

Legumes, hortaliças, fructa emfim, tudo está por um tal preço que arruinaria o mais bojudio millionario americano.

E no meio d'esse exaggero de desvergonhada ganancia, ainda ha quem se queixe de que o negocio está mau e que os campos não dão nada.

Seja do saloio, seja do revendedor, o certo é que nunca se pagou o alimento do pobre por tão exorbitante preço.

Se chove é porque as terras estão alagadas, se faz calor é porque se queima a hortaliça, finalmente se está o tempo agradável é porque não chove nem faz calor.

A verdade é a ganancia avarenta de certos figurões e figuronas que a explorar a barriga do pobre, ostentam grossos cor-

dões de bom ouro e teem o seu *pé de meia* muito bem recheado.

Não seria mau que o governo regularisasse o preço dos generos, porque a tuberculose deriva muito principalmente da pessima alimentação dos proletarios.

Que ganhe quem negoceia
É bem justo e natural,
Mas encher o pé de meia,
Tramando a barriga alheia,
Isso é que é *pyramidal*!

ORLAND

Nas côrtes não tem havido sessão
por falta de numero.

Pudera!

Os duellos ás vezes não ficam em
actas e um furo custa a apanhar.
Não é perigoso, mas doe.

TIRO AO ALVO

A UM LIVRE PENSADOR

Tens como eu, atacado o pessimismo
D'essa egreja chamada *santa madre*,
Mas foste procurar um qualquer padre.
P'ra dar ao filho teu sacro baptismo.

Invocas o medonho e negro abysmo
Da torva Inquisição p'ra que não quadre
Que o velho Santo Officio os odios ladre.
Matando quem demonstra ter heroismo.

Mas deixas que a mulher com as vizinhas
Vá á missa rezar as ladainhas,
E ouvir alguns sermões com reverencia.

Déste o nó amarrado pela estola
E, meu caro, não sendo tu *carola*,
Mostras bem que tens falta de coherencia.

JULOR.

Foi para Biarritz o monstruoso
dictador.

Está bem.

O que resta saber é se foi para
Biarritz ou a Biarritz.

Hay que distinguir.

Lerias...

Com o calor suffocante
Que nos tem feito ralar,
Anda a gente a todo o instante
A abanar-se co' o *penante*,
Sempre, sempre a transpirar.

Só appetecem orchatas,
Carapinhadas, sorvetes
Refrescos, frescos, frescatas,
Cervejinhas das baratas,
E capilés beireiretes:

Aquece as tripas o vinho
Dando á cabeça maus pratos
Com este calor dampninho.
Só alli no Pelourinho
Lhe dão gasto os varios *matto*s.

Como o calor lá aperta
E o *bril* faz a delicia
D'aquella gatinha esperta,
Temos mais tiros p'la certa
E lá morre outro policia.

OSCAR.

E' pena

Que bella que é a vida campesina;
Um viver de socego, sem barulho,
Pensando só em ter cheio o bandulho
Quem vae para gosar a brisa fina!

Porém p'ra quem trabalha é bem mofina!
Sob este sol ardente que ha em julho
Ell's tratam do comer para o *estadulho*
Sem verem n'elle a ave de rapina!

E enquanto o pobre sua co'a enxada,
Com que da terra tira o alimento,
P'ra quem o põe nusinho, a pão e agua,

Eu, que tambem no campo tenho estada,
Não vejo ter um fim meu soffrimento
Não prôvo inda do rôxo, triste mágua!

Torres Vedras.

PICHIRINÉE.

Os monarchicos botaram *laracha*
peja esmagadora votação do parla-
mento francez que atirou a terra com
o ministerio Clemenceau.

Muito razoaveis o espanto e a *piadinha*.

O costume cá da terrinha é cir-
cumscrever a opinião dos illustres in-
strumentos do regimen ás inconvenien-
cias da *barriga* partidaria, após va-
rias conferencias na rua dos Nave-
gantes.

Em França é outra... *chose*.

Beliscões

Dizem que o sr. conde de Arnoso
vae falar outra vez sobre o regicidio!

E do seu bico sombrio,
que cousas torvas dirá?

— Dizem os collegas que os ingle-
zes chegam no dia 26.

As madamas andam doidinhas de
todo, não largam o *Grandella*, nem
o Rocha da Loja do Povo, á procura
de retalhos de panno lavado.

Pudera!

Ellas choram tanto quando elles cá
veem, que não ha lenços que che-
guem.

— Ora digam-me cá os meus ricos
pelucias do meu coração!

Então suas mercês estão surdos?

Vae por ahi um vocabulario por
essas ruas que é da gente ficar córado
que nem um pimentão!

Eu não sou de *niquices*, mas uma
pessoa não poder trazer para a rua
uma senhora nem uma creança, sem
risço de ellas ouvirem o que não de-
vem ouvir, é durinho, pois não é?

Alli na rua do Arco do Marquez de
Alegrete, rua de muita concorrência,
é atravancada sempre pelos illustres
electricos anglo-syndicateiros de Santo
Amaro, as senhoras varinas e as *li-
rozas* de saias gommadas, com os
seus respectivos Adonis de melenas,
fazem sala de conversa sobre os pas-
seios e se alguem vae com pressa e
quer passar para se desviar dos *ele-
ctricos*, ouve uma saraivada de obs-
cenidades capaz de fazer córar um
arriero.

E a respeito de policia... nem eu!...

AS GARANTIAS PARA OZÉ



A COROA E O SCEPTRO SEGUROS PELAS PONTAS DAS BAYONETAS. A LIBERDADE E INDEPENDENCIA DOZÉ GARANTIDAS PELAS BOCCAS DOS CANHÕES, TRATADOS, ADEANTAMENTOS, PADRE MATOS, POLICIA. ETC. ETC.

Passes... de peito

Vaia una verdad; como és costume decircelas el tio Zé da Herdade!

Olé, olé, por lo boéno! Por los toreros de corazón. Por los empresarios de vergüenza!

Vaia un percal!!!

Superior a corrida nocturna do dia 22, no Campo Pequeno.

Que poderei eu dizer aos meus leitores de uma corrida em que toureou Ricardo Bomba; em que José Bento e Macedo farpearam magistralmente, dando occasião a vermos quites admiraveis e oportunos de Ribeiro Thomé, Jorge Cadete, Theodoro e Vieira, especializando todavia Thomé que se está tornando inegavelmente o capote mais opportuno da nossa época?

Alexandre Vieira está-se tornando digno da protecção das empresas e dos applausos do publico, porque innegavelmente este rapaz, além de ser trabalhador, faz diligencia por progredir.

Dedicou-se aos cambios, o que hoje é raro vêr e na quinta feira passada evidenciou a sua muito boa vontade nos que executou.

Ricardo Bombita, reservei-o positivamente para o fim, para dizer que esse toureiro é sempre o mesmo *maestro*, e que, muito embora ainda resentido da colhida que soffreu, conservou em toda a corrida a sua linha de grande toureiro, como innegavelmente é.

José Russo teve uma péga rija, pois o touro dava derrotes para um homem ir ás nuvens.

Os touros de Emilio Infante, embora variados em estampas, cumpriram, o que é agradável dizer-se tanto

para o lavrador como para a empreza.

Conclusão, uma corrida de primeira, e uma noite bem passada.

*

ALGÉS

Com uma casa regular realisou-se no domingo uma corrida de bois e vaccas, na qual tomava parte como cavalleira a decantada D. Fernanda.

Ora francamente, a gente gosta da gargalhada e dá o cavaquinho pelo ridiculo, mas nunca n'aquella praça se exhibiu fantochada mais grotesca que a tal D. Fernanda. Pôr uma mulher a tourear a cavallo, quando ella nem se sabe segurar n'elle, é barbarismo. Mas alli a furia do reclamo atinge tudo.

D'aquella fantochada apenas podemos mencionar o sr. Alberto Fernandes, que, como cavalleiro, fez a diligencia por agradar, o que já é bastante.

O resto da quadilha fez o costumeado; muita vontade, muito tombo, e pouca pratica.

Os forcados fizeram pégas de formas diversas e desconhecidas, a não ser uma de Fialho, que, se ás ajudas são boas, era a péga da tarde.

Reservei para o fim a D. Fernanda, Sabiu atrapalhadissima, e como o cavallo estava com vontade de passear, ella deixou-o ir, porque lhe tinha esquecido a mão de rédea na gaveta da commoda. Comtudo aproveitou o tempo *saludando al publico*.

Citou duas vezes e consentiu o bicho de ambas as mesmas, conseguindo da primeira, andar por baixo do touro, e da segunda ficar debaixo do cavallo, empregando dois ferros

na atmosphera, recolhendo em braços á enfermaria.

Mais tarde appareceu na arena com um pé ligado, recebendo uma ovação de *almofadas*.

ZÉ DA HERDADE.

O sr. dr. Miguel Bombarda reuniu a Junta Liberal para se oppôr um dique aos apatifados manejos da reacção.

Olhe, sr. Bombarda: o primeiro passo é ir ao Pelourinho e ferrar com aquillo tudo lá em cima no hospital em observação.

Não sae de lá nem um.

N'uma campa

Aqui jaz bem sepultado Raphael da Silva Netto, Rapaz mui bem educado, Morreu tysico, esfalfado, Co'os olhos fitos no tecto.

ZÉ ILHEU.

Dizem que sua santidade presentou todos os bons pastores que foram na santa peregrinação a Roma. Ao parócho de S. Julião do Tojal coube-lhe um par de sapatos. E' verdade que cavallo dado não se olha ao dente, lá diz o dictado, mas sahiram-lhe tão largos que até dizem que o reverendo Martinho já tem duas roeduras nos calcanhares, do tamanho de duas rodellas de chouriço.

Aquillo, naturalmente eram sapatos de algum bispo antigo, de pata alambazada, que o Papa impingiu ao pobre homem!

effectivamente mau parecer e não se sentia á vontade.

Qual era a causa da sua doença? A excitação que Gabri lhe causára? Ou o medo inspirado pelos penitentes? Ou os beijos da sr.^a Mouche?

Passou a mão pelo ventre, com ar pensativo e sombrio.

Lembrou-se de que na vespera, preocupado com a idéa da entrevista, só tinha ido duas vezes á casinha.

Esta alteração nos seus habitos pareceu-lhe um signal precursor de doença grave. E foi com voz tremulá que declarou á Eudoxia que não almoçava e lhe pediu que lhe fizesse uma gemmada.

Desfallecido, com medo de morrer, metteuse na cama e não sahi de lá todo o dia.

Mas depois de tomar a gemmada, adormeceu socegradamente, na frescura dos lençoes.

Na realidade tinha uma febre pouco perigosa que as suas numerosas attribuições lhe haviam causado e uma enxaqueca por causa de ter reflectido muito, trabalho a que o seu cerebro não estava habituado.

CAPITULO XV

Um escandalo na musica

A tarde, o sr. Pingouin fez o despropósito de querer comer. E apesar de tomar só um prato de sopa e dois ovos, o jantar ficou-lhe no estomago, a febre tornou a vir e, á meia noite, esteve variado. Durou isto pouco mais ou menos uma hora, durante a qual a mulher, ouvindo-o divagar, esteve tambem quasi a perder a tramontana.

(Continúa.)

N.º 27 — FOLHETIM DO "XUÃO" — 27 de julho

As seis mulheres do sr. Pingouin

CAPITULO XIV

Os ardores da sr.^a Mouche

O sr. PINGOUIN, cada vez mais espantado.

— A carta!... Que carta?...

A sr.^a PINGOUIN, sem o ouvir e n'um tom supplicante — Theophrasto! Não abuse da sua victoria!... E' a sua victima que lh'o pede de joelhos! Em nome da sua mãe! Separemos, não obrigue uma fraca mulher a succumbir... Oh! meu Deus! meu Deus!

O sr. PINGOUIN, perguntando a si mesmo se estão todos doidos. — Que tem, sr.^a Mouche?... Onde lhe doe?...

A sr.^a MOUCHE, meio desfallecida. — Chame-me Leocadia! Para si já não sou a sr.^a Mouche!

O sr. PINGOUIN, no auge do espanto — Leo... cadia! Peco-lhe que torne a si!

A sr.^a MOUCHE, como suffocada — Ha de amar-me sempre! Nunca me abandonará!

O sr. PINGOUIN, absolutamente idiota — Sim, a... mo a... hei de a... mal-á sempre. (A parte.) Que diabo quer ella?

A sr.^a MOUCHE, recobrando de repente os sentidos — Oh! Obrigado, meu Theophrasto, tenho fé em si... Venha! Chama-nos o amor!...

E antes que o pobre homem se lhe pudesse oppôr, agarrou-lhe com força por um braço e levou-o para o quarto da cama.

Não me atrevo a dizer o que se passou entre a Leocadia e o sr. Pingouin.

Depois d'isso, representou ella com o amante a grande scena do remorso.

Deixou-se cahir n'uma cadeira, rompendo em soluços e murmurando, com voz turvada pelas lagrimas:

— Que fizemos? Fez muito mal, Theophrasto, em abusar assim de mim!... Diga que não me despreza... Oh! Repito-me que ha de amar-me sempre... Se me abandonasse agora, preferia a morte á vergonha.

Com certeza, muito mais sinceramente do que ella, o sr. Pingouin estava assombrado com o que acabava de se passar; mas estava principalmente muito fatigado.

Sentia ás pernas a tremer e andava-lhe a cabeça á roda.

Como se ia fazendo tarde, a sr.^a Mouche beijou-o a chorar e deixou-o ir embora, depois de lhe arrancar a promessa de que havia de tornar a ir vê-la.

O sr. Pingouin estava extraordinariamente assombrado com tantos casos extraordinarios que lhe tinham succedido. Nunca na sua vida imaginára uma coisa assim.

Inconscientemente, parou no meio da rua, gesticulando e falando alto.

— Co'á bréca! exclamou, isto é para endoidecer! Que diabo tem elles todos?... Que teem?...

Um ruidio de passos tirou-o da sua distração. Voltou a si, olhou e viu que quem passava se estava rindo d'elle.

Felizmente uma leve colica mudou-lhe a idéa e voltou para casa muito depressa.

A mulher ficou muito admirada por o vêr tão pallido.

— Estás incommodado, Theophrasto? disse ella seccamente. Com a vida que levas, não é para admirar.

O sr. Pingouin viu-se a um espelho; tinha

Batalha de rimas

Alegrem-se, meninos!... Sempre queremos dar um alegrão á rapaziada, offerecendo-lhe tres premios de truz, que recompensam bem o trabalho que teem tido em dar mil voltas á *cachimonia*.

Tenham esperanças pois, e... mãos á obra.

MOTE

Se quiz deixar de ser *sceptico*
Tive que fazer *gymnastica*!

GLOSA

Da duvida um *amantetico*,
Fiz figurinha bem *comica*,
Achando fórma *economica*
Se quiz deixar de ser *sceptico*!
Perfumado com *cosmetico*,
Fui ter co'a prima *Escolastica*.
Quería-lhe ver a *plastica*,
Pois diziam ter bons *musculos*.
P'rá ver, sem phrases d'*opusculos*,
Tive que fazer *gymnastica*!

PICHIRINÉE.

MOTE

O Mattos é *amantetico*
Da viuvinha *Escolastica*.

GLOSA

Unta as molas com *cosmetico*
A' franceza, cousa *comica*,
Por ser untura *economica*
O Mattos é *amantetico*.
O roupeta não é *sceptico*,
E' damnado por *gymnastica*,
Nunca possuindo *plastica*,
De sobra tem lá *opusculos*,
Recebe força nos *musculos*
Da viuvinha *Escolastica*.

ZÉ MADURO.

MOTE

Tu não usas o *cosmetico*?
Disse-me a minha *Escolastica*.

GLOSA

Fui em tempos *amantetico*
D'uma mulher *economica*
Que me dizia, mui *comica*:
Tu não usas o *cosmetico*?
Eu, que não sou muito *sceptico*,
Na minha formosa *plastica*
Puz-me a fazer a *gymnastica*
Como mandam os *opusculos*...
Deixas-me ver os teus *musculos*?
Disse-me a minha *Escolastica*.

ZÉ ILHEU.

(Continúa.)

As suffragistas inglezas que foram presas por terem assaltado o parlamento estiveram noventa e uma horas sem comer e quando o ministro viu que estavam dispostas a deixarem morrer de inanição, ordenou a sua liberdade.

Coitadinhas!

Com certeza que alguma d'ellas, depois de tantas horas sem comer, apanhou alguma indigestão, ficou de barriga... cheia e d'aqui a nove mezes, é obra.

Epigramma

(A um escriptor humorístico)

Tens tal *graça* em prosa ou verso
Que muita gente já pensa
Qu'eres dar cabo do Universo
Morrendo, no riso immerso,
Ficares tu só na imprensa
Esbanjando o chiste co'o verso!

CANHÃO.

Parece que o decantado *bloco* está
a desfazer-se.

E' do calor... das discussões pro-
ximas.

Derrete-se antes de tempo.

Ao «Zé da Herdade»

Disseram-me: que breve vaes tourear,
Que voltas outra vez ao redondel,
Que o bom gado do "Emilio", vaes picar,
Que teu nome figura n'um cartel.

Mas cautela, Mesquita, com a pelle!
—Vê lá se algum *boléu* vaes apanhar,
Se ficas sem concerto; se ficar
Vaes esmagado e feito n'um *pastel*.

Tu que és valente, tezo para tudo,
E critico d'aquelles mais sensatos,
Não fugirás do touro cabeçudo.

Serás até capaz de em tom agudo
Gritar: Eh! boi real! Eh! grande Mattos!
Quando citar's o bicho *chavelhuão*.

RALMEIDA.

O Balsemão diz que se ha de des-
forçar do que lhe dizem.

O' menino, não atires, que podes fi-
car com os pés... inchados.

Justo queixume

D'um *carvoeiro* recebemos a se-
guinte queixa que tem razão ás car-
radas. Vae na intrega e com a res-
pectiva orthographia:

Xôr redaltör do *Xuon*:
Baia, demo, estoy rabioxo,
Aús domingos, ei crioxo,
Nun poxo bender carbon!

Lá tenho o moxo au balcon
A durmir feito um guloxo,
Bender o xisco não poxo
Xó bendo binho do bom!

Essa trama do descanzo
Fae-me ralar a frexura,
Porque ei inbenxon d'um tanxo.

Pues xe o carbon xe procura
E o moxo estae prexo ao rancho,
Porque não bende á fartura?

ALONSO MARIMBAS.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço ficam
retirados muitos originaes, entre elles
a secção *Contos da aldeia*.

Conselhos d'um parvo

Se quer's da thalassice entrar na liga,
Deixa em casa o pudor, leva a barriga.

Se um emprego desejas por favor,
Vae p'ra Arcada, servir d'engraxador.

Se tens do suicidio a convicção,
Vae ter ao *Portugal* co'o Balsemão.

PALERMA.

Theatradas

A abertura da feira d'Agosto tem trazido quasi maluco o nosso secretario.

Mettido no brodio feiral, dando-lhe da bella pinga do Farturas e theatrando por lá em companhia de boas pequenas, não quer saber de nós.

Ainda hontem o encontrámos sorridente e alegre no

Chalet-Avenida, onde vae a bella revista do sr. E... (perdão, o nome não se diz) chamada *Em aguas de bacalhau*, que tem boa piada e optimo desempenho.

Lá estava de binoculo fito n'uma corista boa e disse-nos que já tinha ido ao

Chalet-Lusitano vêr as *Bombas e Petardos*, outra revista de *primeirissima*, e que estava disposto a nunca mais sahir da feira, porque lhe faltava ainda o

Theatro Chalet, que tem a revista de Daniel Moreira *Carta a Portugal*.

Além d'isso as cobras gigantes apresentadas por *miss Dora*, o bello vinho do Abel do Tonel da Figueira e da antiga barraca das Farturas e *muchas cousas mas*.

Ha tambem os bellos animatographos, que são todos bons e se chamam

Cine Royal Palais, Pavilhão Chinez, Chiado Terrasse, Petit Palais e outros.

Tambem o secretario se regalou na grande roda de Lisboa, subindo, descendo, e tendo a sensação que deve sentir um burro (salvo seja o nome d'elle) a puxar á nora.

Entretido com tanta festa, esqueceu-se das theatradas. Por isso nós o substituímos sem perceber nada d'isto.

Para não haver *fiasco*, recortamos dos jornaes o respectivo programma:

Colyseu dos Recreios, ultima apresentação de Moritz 1.º e a bella companhia de variedades.

R. dos Condes, a revista *O sol dos Navegantes*, que vae dar o logar á nova revista *A abelha mestra*.

Trindade, que ensaia activamente a revista *O paiz do vinho*, que nos dizem ser de *in penca*.

Como só consta haver animatographos diversos e musica no Rocio e Terreiro do Paço ás quintas e domingos, põe ponto final quem assigna e rubrica

EU MESMO.

MEMORANDUM UTIL

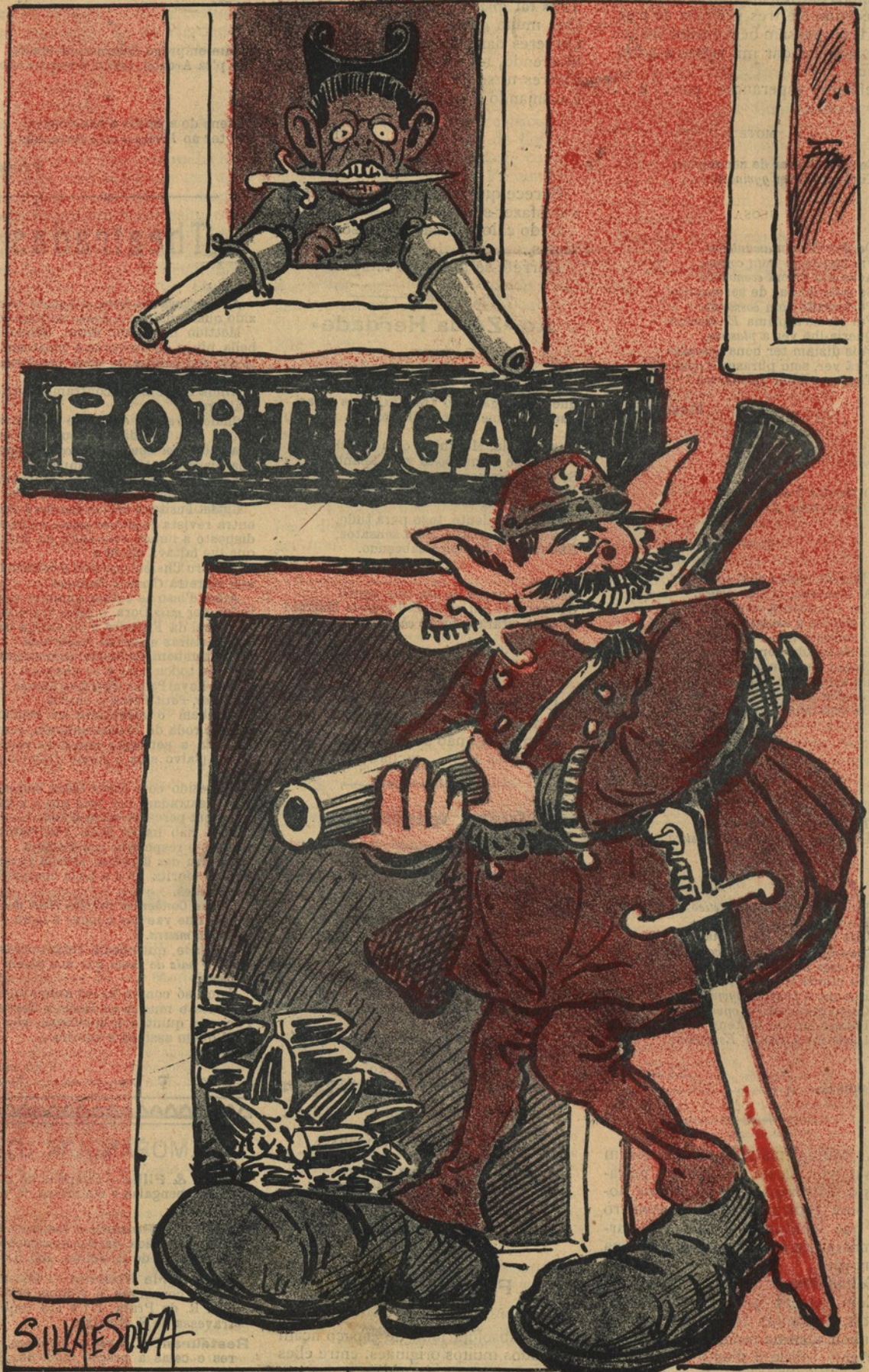
Caldas & Filho — Chapéus de sol e de chuva, bengalas e concertos. R. da Prata, 105.

Magalhães Peixoto — Instituto Contabilista. Cursos de escripturação commercial. R. de S. Julião, 162, 3.º andar.

Conservaria Pomona — Doces, puddings, conservas e fructas crystalisadas. R. da Prata, 111 e 113, esquina da travessa de S. Nicolau.

Restaurant Chuva — Almoços, jantares e ceias a preços modicos. Serviço por lista. R. de S. Julião, 61 a 67.

O MÊDO DO PAPÃO !!!....



O CÃO FIEL GUARDA DO SÊ SENHOR